

## A INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA FAMILIAR COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO DE HISTÓRIA

André Brasil da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Pretendemos, neste artigo, discutir a investigação histórica familiar como abordagem metodológica válida para a construção do conhecimento histórico. A entrevista de História Oral realizada com a Sra. Maria Madalena serviu de base para a problematização dessa estratégia de ensino. Além disso, essa entrevista foi utilizada para a articulação com uma temática social mais ampla: a questão feminina. Ademais, apresentamos o processo de transformações ocorrido na História, em seu âmbito acadêmico e escolar, e a necessidade de reaproximação entre esses dois campos. Tomando como fundamentação teórica alguns historiadores dos campos de estudo do Ensino de História, como Jörn Rüsen, Maria Auxiliadora Schmidt, Flávia Caimi, que têm como foco central em suas pesquisas a análise e a intervenção na conjuntura atual da História em sua relação com as carências de orientação no tempo dos sujeitos históricos na vida prática. Assim, discutiremos conceitos importantes, como Didática da História, Identidade e aprendizagem histórica para a iluminação da problemática aqui suscitada.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Aprendizagem histórica. Didática da História. Identidade. Mulher.

**Abstract:** We intend, in this article, to discuss family historical research as a valid methodological approach for the construction of historical knowledge. The Oral History interview with Mrs. Maria Madalena served as a basis for the problematization of this teaching strategy. In addition, this interview was used to articulate with a broader social theme: the feminine question. In addition, we present the process of transformations that occurred in History, in its academic and scholastic scope, and the need for rapprochement between these two fields. Taking as theoretical basis some historians of the fields of study of History Teaching, such as Jörn Rüsen, Maria Auxiliadora Schmidt, Flávia Caimi, who have as central focus in their research the analysis and intervention in the current conjuncture of History in its relation with the needs orientation of historical subjects in practical life. Thus, we will discuss important concepts, such as Didactics of History, Identity and historical learning for the illumination of the problems raised here.

**Keywords:** Teaching History. Historical learning. Didactics of History. Identity. Woman.

---

<sup>1</sup> Professor da educação básica da rede municipal da cidade de Barra do Corda-MA. Acadêmico do curso de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, pela Universidade Federal do Tocantins – UFT, Campus de Araguaína. E-mail: andre.brasil@ifma.edu.br

Recebido em 28/05/2019

Aprovado em 07/07/2019

## INTRODUÇÃO

A História, sendo a ciência dedicada ao estudo dos seres humanos em todas as suas formas de manifestações através do tempo, possui como função social básica o desenvolvimento da cidadania crítica. É, portanto, uma ciência essencialmente social e o seu conhecimento deve estar pautado em propiciar uma orientação temporal consciente aos indivíduos em sua vida prática (RÜSEN, 2010). Ora, considerando que a História se nutre da dinâmica social, nada mais justo do que a sua produção, o conhecimento histórico, retornar e servir de alguma forma aos indivíduos no cotidiano.

A partir desses pressupostos colocamos em debate o distanciamento existente entre a ciência histórica e a didática da História – conceito este que não se limita apenas ao âmbito pedagógico, conforme explicitaremos adiante. Reconhecemos que a constituição do trabalho ocorrida na academia e na escola de ensino básico é diferente, e cada qual possui suas especificidades. Contudo, consideramos que deve haver uma relação mais efetiva entre esses dois campos, afinal de contas, ambos compõem a mesma área de conhecimento.

Essa separação entre academia e escola, que tem início no século XIX, período em que a História é sistematizada como ciência, permitiu omitir o relevante papel que as diversas instâncias sociais – a família, a mídia, a igreja, dentre outras – têm como produtoras de conhecimento histórico. O seio familiar é uma importante instituição social para o processo formativo de qualquer indivíduo. Ademais, os familiares, especialmente os mais velhos podem servir como uma preciosa fonte histórica para a análise de historiadores ou estudantes de História devido ao conhecimento e experiência de vida que possuem.

Neste sentido, fundamentados nos pressupostos do conceito de didática da História, temos como objetivo discutir a utilização da investigação histórica familiar como forma de construção de conhecimento histórico. Como conteúdo de suporte, utilizaremos a entrevista realizada com a senhora Maria Madalena Alves Brasil, na data de 22 de março de 2019 na cidade de Barra do Corda-MA.

Para a fundamentação teórica da presente discussão utilizaremos os seguintes historiadores dos campos de estudo do Ensino de História: Jörn Rüsen, Maria Auxiliadora Schmidt, Luís Cerri e Rafael Saddi. Eles têm como foco em suas pesquisas a análise e a intervenção na conjuntura atual da História em sua relação com as carências de orientação no tempo dos sujeitos históricos na vida prática.

## CONHECIMENTO HISTÓRICO COM SENTIDO NA VIDA PRÁTICA DOS INDIVÍDUOS

Atualmente ainda é muito forte o pensamento de que a História é dividida em científica-acadêmica de um lado, e disciplina escolar do outro. A primeira pertence às universidades com seus historiadores profissionais que produzem pesquisas e conhecimento histórico especializado e erudito. A segunda está localizada nas escolas de ensino básico conduzida por professores de História imbuídos da missão de transmitir os conhecimentos históricos da ciência de referência para os discentes. Ademais, a parte científica dedicaria suas atenções às questões relacionadas à metodologia da pesquisa, enquanto a História escolar cuidaria exclusivamente da metodologia de ensino, e a única relação existente entre ambas seria a “transposição didática” (CHEVALLARD, 1991) do conhecimento produzido pela academia para as escolas.

O conhecimento histórico produzido pela academia e pela escola de ensino básico é distinto. As especificidades desses campos perpassam por questões políticas, culturais e institucionais. Contudo, por mais que essa afirmação seja verdadeira, o isolamento entre ambos não é justificado, devendo prevalecer sempre um diálogo que promova a apropriação dos aspectos úteis que cada um pode auxiliar ao outro.

É importante frisar que as diferenças entre a História científica e o ensino de História não estabelece a superioridade de um sobre outro. Dessa forma, “tal entendimento não significa decretar a dependência da história escolar em relação ao conhecimento acadêmico, tampouco tomá-la como um saber inferior na hierarquia de conhecimentos, mera vulgarização didática de um corpo de saberes produzido pelos “cientistas”” (CAIMI, 2008, p. 130).

As metodologias, as teorias e as práticas de trabalho específicas de cada campo podem e devem estar relacionadas em direção ao desenvolvimento da produção do conhecimento histórico, bem como do cumprimento das funções sociais que a História possui. Nesse sentido, considerando o âmbito do ensino de História, talvez o seu principal desafio na atualidade seja desenvolver conteúdos e metodologias de ensino que conduzam o discente perceber-se como sujeito histórico atuante para que a História passe a ter sentido real em sua vida prática.

Portanto, é diante de um cenário em que surgem novas “demandas provenientes dos insucessos escolares no que diz respeito às aprendizagens históricas significativas para a

construção da consciência histórica” (SCHMIDT, 2009, p. 204) que emerge a necessidade básica de reaproximação entre a didática da História e a ciência histórica.

Compreendemos aqui o conceito de Didática da História como “o modo como as representações sobre o passado produzem compreensões do presente e projeções de futuro. Isto é, a Didática da História lida com a orientação temporal inerentemente produzida pela História” (SADDI, 2010, p. 75). Assim, a visão estereotipada de que esse conceito limita-se apenas aos problemas relacionados à educação escolar é inteiramente descartada nesse trabalho. Por isso Jörn Rüsen (2006) afirma que:

as perspectivas da história foram grandemente expandidas, indo além de considerar apenas os problemas de ensino e aprendizado na escola. A didática da história analisa agora todas as formas do raciocínio e conhecimento histórico na vida cotidiana, prática. Isso inclui o papel da história na opinião pública e as representações nos meios de comunicação de massa; ela considera as possibilidades e limites das representações históricas visuais em museus e explora diversos campos [...] (RÜSEN, 2006:12).

É neste sentido que propomos a utilização de alguns dos métodos da pesquisa histórica – neste caso, mais especificamente, estamos nos referindo da investigação da história familiar através da metodologia da História Oral – como estratégia de ensino de História na educação básica. Não obstante, ressaltamos que ao realizar tal proposta não reivindicamos o ineditismo desta temática, muito menos temos a intenção de esgotá-la, mas, pretendemos contribuir com o desenvolvimento de possibilidades inovadoras no ensino de História.

Trata-se de promover a participação ativa do estudante na construção do conhecimento histórico escolar (CAIMI, 2008), utilizando-se de métodos de trabalho do historiador. Com isso, espera-se que “o aluno possa entender que a apropriação do conhecimento é uma atividade em que se retorna ao próprio processo de elaboração do conhecimento” (SCHMIDT, 1998, p. 59).

Contudo, considerando as dinâmicas próprias da História disciplinar e da História acadêmica, ressaltamos que não estamos aqui propondo uma estratégia de ensino que objetive a formação de pequenos historiadores na educação básica. O que buscamos é possibilitar uma maneira de ensinar História na qual o conhecimento histórico produzido durante as aulas possa fazer a diferença no modo em que o sujeito compreende e atua na sociedade, tornando-se de fato em um cidadão crítico e participativo.

Dessa forma, realizamos uma entrevista simplificada com a senhora Maria Madalena, na data de 22 de março de 2019, na cidade de Barra do Corda-MA com o intuito de avaliar as

possibilidades que a investigação da história de vida dos familiares pode oferecer ao processo de aprendizagem histórica dos estudantes pesquisadores. Ademais, “vale lembrar que os processos de aprendizado histórico não ocorrem apenas no ensino de história, mas nos mais diversos e complexos contextos da vida concreta dos aprendizes” (RÜSEN, 2010, pág. 91).

## **A PEQUISA DE CAMPO: TRAJETÓRIA DE VIDA DA SRA. MARIA MADALENA**

Maria Madalena Alves Brasil possui 83 anos de idade e é natural do povoado Facão, que compreende o município de Barra do Corda, estado do Maranhão, distante 444,3 km da capital São Luís. Atualmente aposentada, trabalhou incessantemente para a criação, educação e sustento de seus doze filhos(as), frutos de seu único matrimônio com o senhor Clidenor Alves. Em 22 de março de 2019 ela nos narrou um pouco de sua trajetória de vida, cotidiano, sonhos e perspectivas para o futuro através de uma entrevista semiestruturada.

Para realização dessa entrevista utilizamos algumas das técnicas da metodologia da História Oral, que, na perspectiva de Alberti (1998) é conceituada como:

um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (ALBERTI, 1998, p. 52).

Dessa forma, iniciamos a entrevista com um roteiro composto por cinco questões. Na primeira, apenas solicitamos a Sra. Madalena que se identificasse e nos apresentasse o lugar em que vive atualmente. Tais informações preliminares já foram citadas acima. Contudo, além dessa apresentação inicial, a depoente sentiu-se a vontade para explicitar o contexto atual de vida:

“a minha batalha aqui no presente não tá muito boa porque me sinto um pouco adoentada; estou trabalhando menos, mas nunca deixei de fazer as coisas. Agora eu não posso é fazer as coisas que eu tenho vontade: é varrer o quintal, fazer minhas coisas tudo limpas, ir *no* rio lavar roupa, mas eu não posso por causa das minhas pernas. Aí *tô* lavando roupa aqui na minha *lavandeirinhazinha*”

Além da exposição de sofrimentos em decorrência de uma saúde debilitada, podemos identificar, logo no primeiro momento, que a realização dos trabalhos domésticos foi uma

característica importante ao longo da vida da depoente, pois mesmo em uma idade já avançada essa preocupação se mostra latente em seu relato.

A segunda e terceira questões foram formuladas com o fito de identificar os aspectos mais importantes e as formas de sobrevivência, respectivamente, na trajetória de vida da Sra. Maria Madalena, que, em resumo nos respondeu:

Quando eu cheguei aqui eu era nova, trabalhava, enfrentava tudo. Depois que eu cheguei do interior ainda chegou mais sete filhos e eu enfrentei uma barra muito pesada, mas como eu era sadia e nova *né?* enfrentava tudo. Marido, tinha um ramo de vida que não chegava a tempo. Aí só eu mesmo e os meus filhos mais velhos é que sabem *né?*. E aí minha luta foi forte, pesada mesmo. Fazia coisa, só nunca lavei foi roupa para ganhar direito e gomar, mas fazia minhas cocadinhas, fazia meus pastéis, *botava* pra vender, costurava. (...) Agora caiu, não tem mais como fazer rede e vender mais não. Aí, *tô* vivendo mesmo só do aposento. (...) Eu nasci num lugar por nome Facão, interior aqui de Barra do Corda. Foi lá que passei minha infância. Eu não tinha lugar para estudar, mas ainda passei uma temporada estudando. Era até fora lá de casa para poder estudar e sair de casa. Era lá na casa de uma irmã minha, que tinha um professor, e eu tinha muita vontade de aprender, aí eu fui pra lá. Aprendi só a *disaler* um pouquinho. Agora, depois que eu cheguei aqui foi que eu estudei mais, *viu?* Em 2006, eu passei e fiz até a 8ª série, depois tudo nascido, os filhos tudo grande. (...)

O que fica marcante em toda essa narrativa é a preocupação com as atividades remuneradas para a subsistência da família. Em vários momentos Maria Madalena menciona as diversas tarefas laborais que realizava, indo do trabalho na roça no povoado Facão até a confecção de roupas na cidade de Barra do Corda-MA. Além disso, o relacionamento familiar, estudos, saúde e afazeres domésticos foram temas de destaque na resposta dela nessas duas questões.

Dessa forma, podemos constatar que a vida da depoente desde muito cedo foi cheia de responsabilidades, o que logo foi moldando sua personalidade. Além de cuidar praticamente sozinha da educação de seus onze filhos – o marido passava meses longe de casa em viagens a trabalho, batalhou incessantemente em atividades informais para sustentar sua família. Com uma imensa carga de atribuições sob suas costas, algo importante teve que ser sacrificado: os estudos. No entanto, mesmo com todas as adversidades ela lutou para realizar o seu desejo de estudar, concluindo em 2006, através da Educação de Jovens e Adultos, o ensino fundamental. Por saber a importância da educação na vida de uma pessoa, Maria Madalena sempre se esforçou para que seus filhos tivessem uma trajetória escolar de sucesso.

Diante de uma trajetória de vida tão dinâmica e intensa de uma mulher vinda de um povoado de uma cidade pequena do interior do Nordeste brasileiro, pertencente a uma categoria econômica denominada baixa renda, e desprovida de qualquer assistência do Estado, ficamos a refletir sobre sua real identidade e relação com os territórios que residiu.

Aqui, concebemos identidade através do pensamento de Stuart Hall (2000) quando afirma que:

as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (HALL, 2000, p. 108).

Neste sentido, buscar uma definição da identidade da Sra. Maria Madalena desembocaria tanto em uma ilusão imoral, como numa grave irresponsabilidade teórica. Ao contrário, o nosso objetivo em discutir o conceito de identidade relacionado ao caso de nossa depoente é compreender o processo de territorialização em sua trajetória de vida através das relações sociais e da forma de utilização que ela fizera dos territórios pelos quais passou. Para Saquet (2008), territorialidade é o resultado das relações sociais e a qualidade que o ser humano dá ao território de acordo com a sua utilização, estando relacionada com a questão da identidade.

Ao ser indagada, na quarta questão, acerca de como tem sido seu cotidiano atualmente, a Sra. Madalena respondeu algo que já ficou notório em todas as demais perguntas: a saúde debilitada, que compromete suas atividades rotineiras, como ir à igreja ou passear com regularidade.

O quinto e último questionamento da entrevista buscou saber quais os sonhos e perspectivas de vida da depoente, que, bastante reflexiva nos respondeu:

Meu sonho era de... era não, é. Ainda tô viva né? Era de ajeitar mais minha casa, de... sabe, eu tenho muito desejo, e vou com fé em Deus agora nesse mês de abril visitar meu filho Roberto *viu*? Em Belém desde 90... 92 que ele foi embora daqui e nunca veio. Ainda tenho a esperança de ver ele. Agora no mês de abril eu tô pensando de ir (...) É meu filho, eu sei que não é brinquedo não. Tenho enfrentado muita coisa ruim durante toda minha vida. (...) Ainda tenho vontade de trabalhar ainda. A vontade é só mesmo de ajeitar minha casa, de fazer o que precisa nela.

É interessante notar nessa resposta mais uma vez a forte preocupação com questões relacionadas ao âmbito familiar. Por ter realizado uma trajetória de vida até o presente momento caracterizada principalmente pelas responsabilidades familiares, até mesmo os seus sonhos são direcionados para esse caminho. Inclusive, o sonho em ter sua saúde reabilitada para poder trabalhar tem o objetivo de poder ajudar financeiramente alguns dos seus filhos e filhas.

## **APRENDIZAGEM HISTÓRICA PARA A VIDA**

58

A valorização de temáticas do cotidiano dos discentes perpassa por uma necessidade urgente de aplicação de estratégias inovadoras de ensino, buscando promover uma relação horizontal entre docente e discente no processo de construção do conhecimento histórico. Com esses princípios, a concepção de aula amplia-se consideravelmente e, quando se visa articular os conteúdos históricos com a vida dos indivíduos, diversas metodologias de ensino de História alternativas podem ser implementadas.

Considerando que o conhecimento histórico está presente em diversos lugares, como já fora mencionado anteriormente, articular a investigação histórica familiar com o ensino de História mostra-se em uma estratégia metodológica bastante válida para o desenvolvimento da aprendizagem histórica dos estudantes.

Dentre os benefícios cognitivos que uma pesquisa através do método da História Oral pode proporcionar, gostaríamos de discutir a relação da narrativa de vida do entrevistado com aspectos mais amplos da sociedade. No caso da entrevista realizada com a Sra. Maria Madalena pode-se relacionar a sua trajetória de vida, que é profundamente marcada pelas responsabilidades familiares e domésticas, com as questões sociais, históricas e culturais envolvendo o gênero feminino.

Ao longo da história da humanidade as mulheres têm sofrido inúmeras formas de discriminações, violências, estereótipos e imposições sociais. De fato, não é fácil ser mulher, ainda mais em uma região do nordeste brasileiro, onde o patriarcalismo e o machismo são predominantes. Contudo, essa história é também marcada por resistências e luta por direitos iguais, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, quando os índices de mulheres em empregos formais aumentaram consideravelmente para não mais definir. Além disso, os movimentos feministas foram sendo organizados, e elas conquistaram importantes vitórias na luta por direitos iguais aos dos homens.

Na narrativa da Sra. Madalena é possível articular as suas vivências aos pontos sociais mais amplos em relação às mulheres. Portanto, neste sentido, a pesquisa histórica familiar pode promover, além da construção de conhecimento histórico familiar, local ou regional, o desenvolvimento de um posicionamento crítico do estudante quando passa a articular, em sua análise dos dados, com outras dimensões sociais presentes no tempo e no espaço.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora tenha sido levantada ao longo do texto a questão da necessidade de uma reaproximação mais efetiva entre a História científica e a disciplinar, com vistas ao atendimento das demandas sociais e das carências de orientação no tempo, não pretendemos instituir que a produção do conhecimento histórico nessas instâncias seja igual. Pelo contrário, reconhecemos a especificidade do conhecimento histórico que é produzido na academia, na escola e nos mais diversos lugares e ambientes da sociedade. Em cada um desses campos abre-se uma imensidão complexa das operações mentais, sociais e culturais do qual se faz necessário uma investigação profunda para a identificação de suas especificidades e, ao mesmo tempo da conexão existente entre eles.

Dessa forma, os historiadores do campo de investigação do ensino de História têm-se ocupado de realizar diversas pesquisas nessa área e, a partir da utilização de conceitos como didática da História e aprendizagem histórica, percebem que nenhum dos conhecimentos históricos produzidos é qualitativamente superior ao outro. Eles são simplesmente diferentes e peculiares, bem como complementares uns aos outros.

Portanto, independentemente das estratégias metodológicas que possam surgir, o que devemos ter sempre como objetivo central é o atendimento das reais funções sociais da História que, basicamente, é proporcionar uma consciente orientação temporal aos indivíduos a partir de uma aprendizagem histórica significativa.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

CAIMI, Flávia Eloisa. Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar? **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 129-150, dez. 2008.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.)

NEPOMUCENO, Bebel. **Mulheres Negras**: protagonismo ignorado. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

PERROT, Michele. O corpo. In: \_\_\_\_\_. **Minha História das Mulheres**. São Paulo, Ed. Contexto, 2007, p. 41-81.

RUSEN, Jorn. **História Viva**: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. tradução de Estevão de Rezende Martins. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª reimpressão, 2010.

SADDI, Rafael. Didática da História como sub-disciplina da Ciência Histórica. **História & Ensino**, Londrina, v. 16, n. 1, p. 61-80, 2010.

SAQUET. Marcos Aurelio. Por uma Abordagem Territorial. In.: SAQUET. Marcos Aurelio & SPOSITO. Eliseu Savério. (organizadores) **Territórios e Territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008, p. 73-94.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). **Jorn Rusen e o Ensino de História**. Curitiba: Editora da UFPR, 2011.

\_\_\_\_\_. Jovens brasileiros, consciência histórica e vida prática. **Revista História Hoje**, v. 5, nº 9, p. 31-48 – 2016.